



Lins do Rego: os rasgos críticos em crónicas e ensaios sobre Portugal

Lins do Rego: Critical features in chronics and essays about Portugal

MARGARIDA GOUVEIA

Universidade dos Açores



Resumo: Lins do Rego, escritor brasileiro de primeiro plano, apresenta nas suas crónicas e ensaios juízos de valor sobre reconhecidos poetas e ficcionistas portugueses, como Bocage, Camilo, Antero, Ramalho, Eça de Queirós, Fialho de Almeida. Dando provas de notável percepção estética, é também capaz de sagazes rasgos críticos sobre algumas características da cultura portuguesa.

Palavras-chave: Lins do Rego; Luso-brasilidade; Escritores portugueses

Abstract: Lins do Rego, a Brazilian Writer whose notability is recognized by everyone, presents in his chronicles and essays a critical reading of known poets and ficcionistas of Portugal, namely Camões, Bocage, Camilo, Antero, Ramalho, Eça de Queirós, Fialho de Almeida. Resorting to esthetic feeling, he also argues with flashing of criticism some hypothetical characteristics of the Portuguese culture.

Keywords: Lins do Rego; Luso-Brazilian Studies; Writers of Portugal

Outra constante da cultura portuguesa é o profundo sentimento humano, que assenta no temperamento afectivo, amoroso e bondoso. Para o português, o coração é a medida de todas as coisas.

JORGE DIAS

[O]s poetas fazem os povos. Eles é que dão vida real às nações.

LINS DO REGO

Que outras leituras o não suscitasse, já as crónicas de Lins do Rego demonstrariam a divulgação da Geração de 70 no Brasil, e, principalmente, o magistério literário de Eça de Queirós. De resto, o autor de *O vulcão e a fonte* não tinha “outra devoção que não fosse Eça” (REGO, 1958: 123). Mas quando vemos que este escritor brasileiro lusófilo destaca Eça, também vemos a cultura literária dele e a da sua geração que é, diga-se a verdade, bastante vasta para quem a vê do outro lado do Atlântico: a Geração de 70, Antero, Oliveira Martins, Ramalho, Eça, mas também mais novos, o caso paradigmático de António Nobre, e uma geração intermediária, a de Fialho de Almeida, um “caso” que estuda e que, de algum modo, “reabilita”. Mas, diga-se também, textos que demonstram conhecimento de cultura portuguesa e amor a Portugal, a referência a lugares, coisas e sensibilidades (a Sintra, “a linda”; o Porto, “Portugal telúrico”) e ainda as considerações notáveis sobre identidade do Português.

É a dimensão humana, aliada à experiência e à cultura, que confere valor a estes testemunhos, muitos até despretensiosamente escritos em registos de crónica – que é, afinal, um género que se presta a acolher olhares fragmentados do real mas também reflexões ricas e variadas. A prática da escrita, ambígua, instável entre literatura e jornalismo, é instituída espaço manipulador desses espaços, aglutinando-os. Assim, sem trair uma coesão discursiva, ganham relevo breves apontamentos de repórter e paisagista, notações de analista social ou ainda sintéticos esboços críticos, que dão conta de leituras e interesses literários preferenciais.

Fialho, desigual e contrastivo, chamou a atenção de um crítico sensível como Lins do Rego. De resto, quanto ao “caso” Fialho, toca-o não o Fialho amargo da crítica planfletária d’*Os gatos* e do jornalismo combativo, mas o Fialho rural, telúrico, e muito mais humano. Do conflituoso Fialho parece-nos que dá ao mesmo tempo

uma explicação *geracional e psicológica*: a do “despeito de filho mais moço” (REGO, 1958: 125), a daquele que chegou dez anos mais tarde e queria ter tido iniciativa, uma carreira entre duas gerações, a Geração de 70 e a de 90. Assim, Lins do Rego explica e redime o autor de *Os gatos* em nome da sua profunda humanidade, emergente nas páginas de homem alentejano. A “natureza robusta do camponês – escreve o cronista – arrasta [Fialho] para ver o sol, o rio, as manhãs do Tejo, os pobres de Portugal, os campos de vinha, as casas brancas das aldeias, a virgindade de vida das saloias.” (REGO, 1958: 125). Ao crítico substitui-se o homem simples, os imperativos da natureza, a sensibilidade que confere humanidade:

Fialho deixava a pele mais macia de gato [...] e cantava a terra com uma força de homem vivo, de homem simples. [...] Fialho olhava a terra, os seus campos de Alentejo, o sol nos penhascos, as manhãs quentes de luz, a terra generosa, e era o homem Fialho. Manso, querendo somente falar da beleza, do que era forte. Ai o escritor é um dos maiores de sua geração, no saber sentir a terra portuguesa, o campo português. (REGO, 1958: 125)

Esta leitura de um Fialho que está em casa dá-nos a nós portugueses a sensação de que a nossa literatura é mais valorizada quando lida por outros que não nós. De facto, Lins do Rego (como outros brasileiros como Cecília Meireles) encontrou paradigmas estéticos e culturais em Portugal. Neste caso, sob títulos “impressionistas” como *O vulcão e a fonte*, *Gordos e magros*, *A bota de sete léguas* se contêm crónicas num estilo entre o coloquial e o literário, em que a sensibilidade guia e matiza conhecimentos da terra portuguesa, da história e da literatura de Portugal.

Quando fala do Fialho que *sobreviverá* (sic), Lins do Rego é verdadeiramente um escritor a falar de outro escritor, emergindo o estilo e individualidade do sujeito de escrita:

Este Fialho que pisa na terra como um Anteu não tem inveja, não tem despeito, não critica para dizer mal, não grita impropérios como um doido varrido. É o escritor da terra portuguesa, dos campos cobertos de trigo, de homens de peitos cabeludos como faunos e de almas cândidas de criança. Ai Fialho estava em casa, no ambiente onde o seu temperamento de curioso se amansava na criação. (REGO, 1958: 133)

O Fialho que Lins do Rego passa a valorizar é, afinal, um ser humano problemático, produto de um fim de século, mas principalmente habitado por contradições: o dândi e o plebeu, o diletante e o crítico analista, o orgulho e a ruralidade. Um homem em quem campeou “grande mortificação e desespero”, diria Costa Pimpão (1945: 73). Mas nele venceu a alma do alentejano, o telurismo, a

sedução da simplicidade. De resto, Lins do Rego estaria bem preparado para compreender a sensibilidade telúrica. Um traço que avulta na visão do mundo deste escritor brasileiro é exactamente o seu telurismo, ao ponto de Ledo Ivo lhe chamar “esse feudal patrono dos telúricos” (IVO, 1958: 28), isto é, o telurismo como uma condição imprescindível para a criação literária, para associar o mundo da escrita ao mundo interior que está ligado ao *tellus* e ao *humus*. Decerto nos ocorre a atmosfera sensual dos engenhos ou o mundo agreste e pungente do sertão, que inspiraram obras diversas sobre o ser sertanejo, que inspiraram obras diversas sobre o ser sertanejo, ficcionais ou não, como é o caso do clássico *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, nos quais se pode ver, de uma perspectiva telúrica, a identidade brasileira.¹

José Lins do Rego interessa-se pelos autores não só como autores literários enquanto tais, mas por causa da relação que estes têm com a terra. De registar, pois, o facto de, ao mostrar preferências por facetas de autores citados, se projectar e mostrar características dele próprio.

Não se inibe mesmo em se desdobrar em crítico e reconhecer o telurismo dos outros. A subjectividade condiciona a reflexão cronística. Miguel Torga, cuja obra é para ele uma referência, é também um homem “telúrico”, um “homem da terra portuguesa”. E nota: “é o telúrico que sabe que é telúrico e que gosta de ser telúrico. Os seus livros são como a resina das árvores da terra, como o aluvião do Tejo ou a dura pedra do Douro” (REGO, 1951: 102).² É ainda a medida do telúrico, do autêntico, do “homem da terra” que lhe serve para falar do que Eça não foi apesar ter sido mestre dele e da sua geração. Ao autor de *Os Maias* falta telurismo, é um autor de cidade. Até *A cidade e as serras* lhe parece um passeiozinho de week-end... É seu mestre e da sua geração, como dizíamos, mas o

romance de Eça não será nunca um grande romance. Faltava-lhe aquela piedade de um Dickens para ser humano na sua complexidade. Ele via o homem medíocre, o homem infeliz, o homem em relação com as suas misérias, e ficava muito acima de tudo isso, como se estivesse em frisa de teatro. Eça não ficava como os ingleses e os russos dentro da tragédia, como comparsa, como irmão de sua gente. Tem-se nele sempre a impressão de espectador no seu trato com os personagens. (REGO, 1942: 170)

¹ À visão paradisíaca de um mundo de sonho, em consonância com o imaginário literário de quinhentos e seiscentos, o Brasil impõe-se a Euclides pela Natureza seca, áspera, inóspita, a das caatingas devastadoras, mas principalmente – defende Eduardo Lourenço – pela “sua essência de um mundo desolado e inumano, quer dizer, o Brasil como sertão.” (LOURENÇO, 1999: 206). Um Brasil infernal, sem dúvida, não de sonho mas sonhado, o do “brasileiro autêntico”, descoberto no “espelho do Brasil” (207-208).

² Concretamente, no ensaio “O mestre Torga e o mar português” incluído no livro *Bota de sete léguas*.

Eça é um homem de metrópoles, do conforto das cidades, do “dandismo”, da civilização, que lhe condicionam uma visão do mundo. É o leitor de Flaubert que levaria Lins do Rego a dizer, num artigo do *Livro do centenário*, que aquele romancista francês “agiu sobre ele como um instrumento de precisão a embarçar os passos da sua imaginação, a forçá-lo a economias exageradas.” (REGO em AA. VV. 1945: 134). O mesmo afirma Ledo Ivo do próprio Lins do Rego, quando diz que este procura ser instintivo e fugir ao embaraço da forma porque “via na disciplina poética uma espécie de obstáculo à plena criação, um estreito molde parnasiano, uma forma de cativo em lugar de uma forma de libertação.” (IVO, 1958: 18).

Assim, pese embora à genialidade de Eça e do “magistério da sua prosa elegante”, falta ao autor de *Os Maias* um mergulho de humanidade que o levaria a ver mais os casos que os tipos e a preocupar-se menos com as modas que obrigavam a romances de tese.³ Restava-lhe, porém, a suprema combinatória da linguagem, as obrigações formais da arte que, diz Lins do Rego, o espartilharam: “o rigor da arte sufocara-lhe em muita coisa o poder do artista.” (RÉGIO, 1942). De novo, a mesma condenação da disciplina da forma, talvez exagerada...

Mas nesta galeria dos mestres da Geração de 70, um há que é incondicional: Antero de Quental. Parece-nos que Lins do Rego captou a essência da poesia de Antero, o lirismo metafísico, a dúvida, a dor, o pessimismo. Sobre ele escreve: “Os seus sonetos não contam a história de um amor, de uma paixão: são a história do homem, a mágoa da humanidade como em Esquilo.” (REGO, 1942: 152). E alguns anos depois, em 1958, n’*O vulcão e a fonte*, enaltece o oitocentismo literário português, conferindo devido destaque ao autor dos Sonetos: “Um Antero valia por todas as Arcádias.” (REGO, 1958: 129).

Lins do Rego enumera Camões, Bocage e Antero, aliás grandes sonetistas da língua portuguesa, e chega mesmo a dizer que “Antero foi mais humano do que Camões. A epopeia que ele cantou foi maior que as descobertas e as guerras das Índias. A poesia de Antero é daquelas que são a essência da vida.” (REGO, 1942: 110). Mais do que as angústias filosóficas, o que dá grandeza a Antero é o ser com elas cantor da dor humana. Estas “dores de Prometeu”, como diz nestas crónicas da década de 40,

ficaram nos sonetos e deram-lhe grandeza universal, a competir com os grandes poetas de Inglaterra, França e Alemanha.

As considerações de Lins do Rego comprovam a noção geral que se tem de que Eça e Camilo foram grandes mestres e modelos da língua portuguesa no Brasil. Essa exemplaridade e magistério de língua isola paradigmaticamente estes dois autores, tão diferentes entre si. O Eça, “devoção” confessada pelo autor de *O vulcão e a fonte*: “verdadeira revolução libertária” (REGO, 1942: 168) da prosa. Mas também Camilo Castelo Branco, que a sua geração procurava como modelo: a sua “prosa áspera”, a sua “língua [...] muito rica e numerosa” (168). Confessa que a sua geração tinha mesmo a ideia de que “Camilo [se] vingava [...] da humanidade com os seus adjetivos, os seus pronomes, as suas palavras arreessadas.” (168). Em suma, diríamos mesmo que Lins do Rego explica por razões diversas a cólera panfletária de Fialho e a cólera estilística de Camilo.

Quanto a Ramalho, cujo sentido de humor valoriza, também o castiga com um juízo sobre o seu positivismo simplificador e superficial, quando diz que “Ramalho generalizava ou pretendia arranjar as coisas com a sua pobre filosofia sem profundidade” (REGO, 1958: 127).

Deve salientar-se que este grande romancista e cronista brasileiro, da geração nascida no início do século XX, deu grande atenção à poesia e aos poetas portugueses. À poesia como fenómeno universal, dádiva de Deus, “expressão mais alta da criação” (REGO, 1942: 108). Aos poetas de Portugal porque os conhecia e os amava. Assim, vemo-lo fazer considerações sobre Camões, Bocage, Garrett, Antero, Nobre, grandes nomes e paradigmas. Na crónica “Poetas de Portugal” tem palavras caracterizadoras para cada um deles. Vale a pena lembrar que “Camões, mais do que Império, mais do que as glórias, fez viver a língua” (109). A Bocage atribuiu de novo uma grande força poética criadora. Em Garrett reconhece uma manifestação do génio romântico e a exuberância de homem de letras mundano. Mas a Antero concederia a súpula e a síntese do ser poeta da epopeia da vida: “o seu tema é a história do homem, história maior do que a de um reino” (110). D. Dinis, Camões, Bocage, Garrett, Antero, Nobre manifestam a identidade portuguesa: “eles é que são Portugal” (111). Poderá lembrar-se o que disse Eça de Queirós, a propósito de Fradique Mendes: *uma Nação existe porque pensa*, neste caso, *uma Nação existe nos seus poetas*. Esta breve crónica sobre os poetas de Portugal, datada de 1941, tem ainda um outro valor, que é considerar a literatura como factor fundamental da identidade: “os poetas fazem os povos. Eles é que dão vida real às nações” (108). E no caso português, essa identidade já a radica num rei de Portugal que foi poeta, o rei D. Dinis, uma figura emblemática para aquele que

³ Em consonância com esta atitude crítica, José Régio, em Portugal, nestes mesmos anos 40, regista a galeria de personagens, tipos ou caricaturas de Eça, servida por uma “extraordinária *verve* satírica ou sarcástica”, questionando, no entanto, a verdade psicológica, profunda e palpitante das criações ecianas. Esta *fragilidade* não compromete a qualidade literária do autor de *Os Maias* e a sua tão aludida representatividade no quadro cultural português, razão por que positiva e retoricamente conclui: “não será por essa *verve*, exuberantemente expressa numa inesperada série de tipos pitorescos duma sociedade, talvez dum povo, que o Eça é português e é peninsular, que o Eça é perdurável e é um artista poderoso?” (RÉGIO, 1942).

considera “o povo mais lírico da Europa” (108). De facto, não é verdade que, a corroborar o citado predomínio do lirismo, continuaram a surgir poetas, como Gil Vicente, Camões, Bocage, Garrett, Herculano, Antero, Nobre, Camilo Pessanha, Pascoaes, Cortesão, Cortes-Rodrigues, Pessoa, Régio, Torga, Nemésio, Jorge de Sena, Ruy Belo, Sophia Mello Brayner, Eugénio de Andrade, Herberto Herder, Gedeão, Natália Correia, Alexandre O’Neill?...

Em texto publicado posteriormente (REGO, 1951),⁴ a perspectiva lusófila e arguta de Lins do Rego leva-o a fazer considerações sobre o modo de ser do povo português. Se esse tipo de considerações correm sempre o risco de superficialidade, generalizações precipitadas e “impressionismos”, elas só podem valer pela intuição, pelo rasgo crítico, em suma, pela qualidade do que é afirmado. Dificilmente se chegará a uma descrição *cientificamente*, objectivamente, caracterizadora de um Povo, por meio de uma abstracção de um tipo geral. Mas não deixaremos de admirar que Lins do Rego tenha dito do Português que tem um “lirismo à flor da pele” (REGO, 1951: 105), que evidencia esse paradoxo de querer emigrar e de querer regressar, da aventura e do risco, “os homens da loucura da ‘nau catarineta’, os que dão a alma a Deus e o corpo ao mar, [...] o gageiro [que] sobe ao mastro para o descante de tocar o coração, para ver de longe a maior coisa do mundo, para ver ‘as areias de Portugal’” (105). O mesmo Povo que, continua Lins do Rego, se exprime “no barroquismo de plantar igrejas, e o mais terra-a-terra dos homens nas casas que fazem para morar.” (106). Uma espécie de paradoxo entre a exuberância do barroco e a pobreza menos do que remediada das casas rurais. Povo do Sebastianismo, “loucura coletiva de que não se curou e não se curará jamais” (106), espécie de padrão de comportamento, “manifestação estrutural e estruturante” (Pires 2007: 146).

Publicando no Brasil, este grande escritor vê o Portugal rural, conservador e tradicionalista, de “jardim à beira mar plantado”, das vindimas, do carro de bois, do fado, da saudade. Mas este Povo de rotina, conformado e persistente, foi capaz de criar mundos, foi capaz de sobreviver à peste, a terramotos e até resistir e apear déspotas. São estes alguns traços de uma simpática lusofilia em crónicas de um viajante por Portugal.

De resto, do “lirismo à flor da pele” já se falara antes. Estamos a lembrar Fidelino de Figueiredo e do seu opúsculo *Características da literatura portuguesa* (1915) de que talvez Lins do Rego não tivesse conhecimento. Mas, no referido opúsculo, este vulto marcante da cultura portuguesa pusera o “predomínio do lirismo” como a segunda das sete características da Literatura Portuguesa,

salientando “os escritores que teimosamente voltaram ao mesmo sentimento de amor, à mesma confissão pessoal, à mesma expansão da melancolia, da saudade, da dor contraditória de amar e aborrecer a vida” (FIGUEIREDO, 1923: 18). Aliás, essa atitude lírica transporta também uma carga para a última das características, um certo “misticismo de pensamento e sentimento” (48), a propensão para arrancar às coisas mais sentimento do que elas têm e preferir a intuição à dedução, o que não ficou à margem das reflexões do intelectual brasileiro, como vimos. Muito embora – acrescente-se – o juízo positivista de Fidelino de Figueiredo pareça injusto para com historiadores de intuição e grandes rasgos como Oliveira Martins.

Mas dos rasgos críticos do crítico brasileiro sobre Portugal não creio que se possa dizer despicientemente que têm mais sentimento do que razão. E o sentimento de lusofilia que possa deles emanar não prejudica a razão do crítico e do escritor. O que avulta é mais o sujeito que fala e como fala. Para além das ideias literárias, são as ideias assumidas no homem que foi Lins do Rego. Como Vitorino Nemésio, que aliás o admirava, tem um tipo de pensamento intuitivo, esteticizante e humanista. Por isso, entendemos falar de rasgos e não de simples notas críticas. E por isso também tem a cultura portuguesa uma dívida para com este brasileiro lusófilo.

Referências

- AA VV. *Livro do centenário de Eça de Queiroz*. Rio de Janeiro: Edições Dois Mundos, 1945.
- FIGUEIREDO, Fidelino de. *Características da literatura portuguesa*, 3. ed., revista. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1923.
- IVO, Ledo. O ensaísta José Lins do Rego. In: *O vulcão e a fonte*. Rio de Janeiro: Edição O Cruzeiro, 1958.
- LOURENÇO, Eduardo. Guimarães Rosa ou o terceiro sertão. In: *A nau de Ícaro seguido de imagem e miragem da lusofonia*. Lisboa: Gradiva, 1999. p.203-214.
- PIMPÃO, Américo da Costa. *Fialho*. Coimbra: Coimbra Ed., 1945.
- PIRES, António M. B. Machado. Janus Bifrons. Portugal às portas do futuro. In: *Luz e sombras no século XIX em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007. p. 139-156.
- RÉGIO, José. Problemas de crítica literária. In: *Ocidente*, n. 53, Lisboa, set. 1942.
- REGO, José Lins do. *Gordos e magros*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942.
- REGO, José Lins do. *Bota de sete léguas*. Rio de Janeiro: Editora a Norte, 1951.
- REGO, José Lins do. *O vulcão e a fonte*. Rio de Janeiro: Edição O Cruzeiro, 1958.

⁴ Concretamente, no ensaio “O Português” incluído no livro *Bota de sete léguas*.